

CONSTRUINDO UM PROJETO PARTICIPATIVO COM A COMUNIDADE DE PESCADORES ARTESANAIS DE ISCA-VIVA DA REGIÃO ALAGADA DAS REPRESAS DE BARRA BONITA E IBITINGA, SP: RESULTADOS PRELIMINARES

¹Paula M. Gênova de CASTRO; ²Maria Helena CARVALHO DA SILVA; ¹Anderson Bonilla GOMEZ; ¹Felipe G. PADALKA; ¹Marcos A. CERQUEIRA; ¹Luciana C. Bezerra de MENEZES; ¹Lídia Sumile MARUYAMA; ¹Magda Marilda MALUF

¹Instituto de Pesca/SAA-SP; ²SENAC/ UNIFESO-RJ

Av. Francisco Matarazzo, 455 Parque da Água Branca - Perdizes, São Paulo, SP. CEP: 05001-900 Tel (11) 3871-7506

E-mail: paula@pesca.sp.gov.br ou paulagc08@gmail.com

RESUMO

No médio Tietê, foram identificadas concentrações de pescadores de isca-viva, cujo alvo é pesca da tuvira. Embora sendo uma atividade recente na região, já vem apresentando diversos conflitos com o setor de fiscalização. O objetivo deste trabalho é realizar uma pesquisa-ação levando em conta aspectos sociais, econômicos e ambientais, visando a elaboração de medidas de manejo do recurso/ordenamento da atividade. Para tanto, foram realizados dois encontros com líderes de isqueiros, e realizada uma oficina prospectiva com a comunidade. Com base nos resultados preliminares, observa-se a necessidade fundamental de desenvolver pesquisas integradas, aliando o conhecimento local dos pescadores-isqueiros e o conhecimento científico, para tornar a atividade ecológica/socialmente sustentável. A pesquisa considera a experimentação de técnicas/instrumentos de captura de iscas, bem como ações de caráter organizativo da categoria. Os trabalhos em campo serão realizados observando as diferentes técnicas/estratégias, com objetivo de aprimorá-las para minimizar os impactos da atividade sobre os ecossistemas aquáticos.

Palavras-chave: Pescadores isqueiros, tuvira, estratégias participativas, ordenamento, Bacia do Tietê.

1. INTRODUÇÃO

No médio Tietê, ao longo das regiões alagadas das represas de Barra Bonita e Ibitinga, foram identificadas pelo menos duas concentrações de pescadores de isca-viva, cujo alvo é pesca da tuvira (Gênero *Gymnotus*). Os principais usuários são os pescadores amadores/esportivos e, secundariamente, pescadores profissionais que utilizam iscas-vivas na captura de peixes migradores e carnívoros. A tuvira quando capturada pela pesca profissional, com emprego de rede de emalhar (método da espera), não possui valor de mercado ou preferência no consumo alimentar, no entanto, este recurso vem sendo usado, pelos pescadores isqueiros, na forma de isca-viva na venda para a pesca recreacional, constituindo-se uma forma alternativa de renda e emprego para os pescadores artesanais. No entanto, tal atividade praticada com peneiras ou peneirões em regiões alagadas, de baixa profundidade e recobertas de aguapés, não possui ainda instrumento legal que permita sua prática nos rios do Estado de São Paulo, ao contrário do que já vem ocorrendo no Mato Grosso do Sul (BANDUCCI, *et al.*, 2000; CATELLA *et al.*, 2008).

Embora sendo uma atividade relativamente recente na região, de aproximadamente 6 anos, já vem apresentando diversos conflitos entre pescadores e o setor de fiscalização, e nesse contexto, a própria comunidade de isqueiros, se sentindo marginalizada pela prática de uma atividade não legalizada, demandou ao Instituto de Pesca este trabalho investigativo sobre a sustentabilidade da pesca de isca-viva com peneirões, visando a sua legalização.

2. DESENVOLVIMENTO

O objetivo da presente pesquisa-ação é realizar este trabalho de forma participativa levando em conta os aspectos sociais, econômicos e ambientais, visando à elaboração de medidas de manejo do recurso e ordenamento da atividade. Nesse sentido, o Presidente da Colônia de Pesca Z-20 de Barra Bonita, Sr. Edivando Soares de Araújo, nos contatou relatando a problemática e indicando as pessoas chave da comunidade de isqueiros para os primeiros contatos e aproximações. Para tanto, foram realizados dois encontros em outubro/2011 com líderes de isqueiros de Pederneiras e Ibitinga (**Figura 1**), e agendada uma Oficina Prospectiva em 7/02/2012 com a seguinte temática: “Oficina Participativa sobre a pesca de isca-viva na represa de Ibitinga, SP: Conhecer para melhor utilizar”. Durante a oficina (**Figura 2**) realizou-se uma dinâmica de grupo com 15 pescadores presentes, com as perguntas dispostas em folhas, utilizando-se um bloco seriado tipo *flip chart*, contendo questões gerais sobre a pesca de isca-viva, os problemas enfrentados e possíveis alternativas de solução, na visão dos pescadores presentes. Em uma segunda etapa, cada integrante da equipe de trabalho entrevistou pelo menos um pescador com questões fechadas e abertas, sendo que inicialmente foram cadastrados todos os presentes e no final receberam um certificado de participação e o aceite em integrar efetivamente à pesquisa.

Figura 1 – Encontro Piloto com a comunidade de pescadores isqueiros da Fazenda São Giacomo, Ibitinga, SP



Figura 2 – Dinâmica de grupo junto à comunidade de pescadores de isca-viva durante a Oficina prospectiva realizada em 7/02/12.



Considerando nosso objetivo, a intenção desse trabalho é contar, fundamentalmente, com a participação e envolvimento do pescador em todas as fases da pesquisa, desde a sua construção, levantamento de dados em campo mensalmente, análise conjunta dos resultados através de oficinas devolutivas, além da elaboração de propostas a serem encaminhados aos órgãos gestores pesqueiros estaduais e federais.

A Gestão Participativa da Pesca, de acordo com SEIXAS e KALIKOSKI (2009), “pode ser entendida como o envolvimento dos usuários diretos dos recursos, isto é, os pescadores, nos processos de planejamento, implementação e monitoramento/ avaliação de planos de manejo dos recursos pesqueiros”.

O conhecimento da realidade socioeconômica dos

pescadores é de grande relevância na implementação de medidas de manejo dos estoques pesqueiros, bem como para o desenvolvimento econômico destas populações, embora nem sempre se dê a devida importância a tais levantamentos (WALTER, 2000; MARUYAMA *et al.*, 2009).

Perfil socioeconômico dos pescadores isqueiros

Com base nas entrevistas realizadas (**Figura 3**) junto aos pescadores presentes na Oficina (N=15), pode-se traçar, preliminarmente, o perfil do pescador/isqueiro e de sua comunidade. A idade média \pm desvio padrão (DP) dos pescadores entrevistados foi de $48,9 \pm 11,0$ anos, variando de 32 a 65 anos. O tempo de exercício na pesca tradicional (com o emprego de rede de espera) foi de $12,2 \pm 9,6$ anos, o dobro do tempo da atividade praticada como isqueiro ($6,1 \pm 2,6$ anos), sendo este último variando de 2 a 10 anos.

Figura 3- Entrevistas aos pescadores de isca-viva durante a Oficina prospectiva realizada na fazenda São Giacomo, Ibitinga, SP.



No entanto há uma elevada defasagem entre o tempo que estes pescadores atuam na pesca (quer como pescador artesanal profissional ou isqueiro) em relação ao tempo que mora na região (média e DP de $41,5 \pm 12,9$ anos), o que pode refletir o envolvimento destes em outras atividades produtivas na região exercidas anteriormente, ou ainda, pode refletir parte do estrato dessa população produtiva.

O grau de escolaridade dos isqueiros foi relativamente superior comparado ao percentual dos pescadores profissionais do Médio rio Tietê (MARUYAMA *et al.*, 2009). Do total entrevistado, 60% dos isqueiros possuem o ensino fundamental e médio (13,3%), e os não alfabetizados (26,7%). Observou-se que a atividade é realizada basicamente em dupla e de natureza familiar (53%), cujo parceiro ou ajudante é a esposa, o marido ou o próprio filho (a). No entanto, existem aqueles que pescam sozinhos (27%), com amigo (13%), ou ainda sozinho/filho (7%). Com relação ao estado civil, mais da metade da população

entrevistada (53,4%) é casada, vindo a seguir os divorciados/amasiados (33,3%) e o restante pertence à categoria de viúvo e solteiros (13,3%).

A renda média bruta declarada da produção dos isqueiros (por embarcação) foi de R\$ 1.115,38 (1,8 Salários Mínimo - SM), variando de R\$ 700,00 a 2.500,00, onde a grande maioria dos isqueiros (80%) vende a sua encomenda por atacado. Considerando que o n° médio de iscas vivas capturadas por semana é de 1.423 unidades, estimou-se o preço médio por isca de R\$ 0,47, chegando-se a uma renda bruta média de R\$ 2.675,24, e uma renda correspondente a 4,6 SM (1 SM = R\$ 622,00*). Observou-se que o valor estimado da renda foi 70% superior ao declarado pelos isqueiros nesse levantamento preliminar. Duas hipóteses podem ser aventadas sobre esses resultados: 1) necessidade de um maior envolvimento dos pesquisadores com a comunidade, resultando em maior confiança entre o grupo, e/ou 2) o pescador isqueiro não tem conhecimento real de seus ganhos na atividade. (* de acordo com Decreto N° 7.655, de 23 de dezembro de 2011).

Aspectos biológicos e estratégias da pesca de isca-viva

O isqueiro normalmente pesca, em média, $5,9 \pm 1,1$ dias por semana, preferencialmente no período da noite (80%), utilizando-se de peneiras de diferentes tamanhos (**Figura 4**), cobertas com telas tipo mosquiteiro, sendo que 85,7% dos pescadores usam ceva (cupim) para atrair as tuviras, em ambientes rasos, próximos de barrancos, de água parada e recoberta de aguapés (**Figura 5**). A maioria da pesca está centrada nas espécies de tuvira (Gênero *Gymnotus*), com emprego de barco à motor (71,4%), à remo (14,3%) e remo/motor (14,3%). As principais espécies capturadas, de acordo com relatos dos pescadores, além das tuviras são: jacundás, cascudos, caborjas, lambaris, camarões, etc.

Figura 4 – Equipamentos usados na pesca de isca-viva



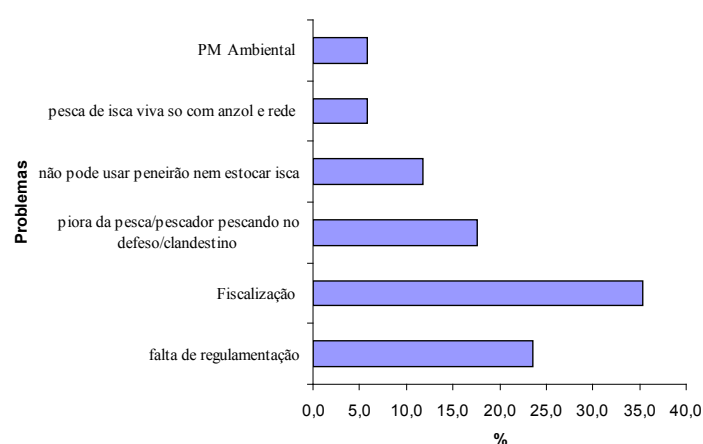
Figura 1 - Manejo da pesca de isca-viva no rio Araguazinho, Bacia do Médio Tietê.



Problemas enfrentados pelos isqueiros na atividade

Questionados sobre os principais problemas enfrentados na atividade, a maioria deles está ligado ao tipo de fiscalização e a ausência de regulamentação (64,7%), a não permissão para usar o petrecho “peneirão” ou estocagem das iscas em caixas de água (11,8%), a piora da pesca ao longo dos anos (17,6%), e a permissão da pesca de tuvira somente com linha e anzol e rede (5,9%). Neste último caso, os indivíduos já chegam praticamente mortos ou avariados, não se prestando, portanto, a serem vendidos na forma de isca-viva (Figura 1).

Figura 2 Principais problemas elencados pelos isqueiros



Principais razões declaradas pelos pescadores isqueiros em participar da pesquisa

Os motivos/interesses declarados pelos isqueiros em participar efetivamente nos levantamentos de campo, bem como em todo o desenvolvimento da pesquisa, dizem respeito às dificuldades enfrentadas durante o processo da pesca de isca-viva. Vale

ressaltar que um dos maiores entraves à prática da atividade foi à ausência de normas legais sobre a pesca de isca-viva na região. Assim, a busca por instrumentos para a legalização dessa atividade foi o motivo mais relevante para sua participação (37,50%), seguido da autorização do uso de peneirão/ caixa de armazenamento (31,25%). (Tabela 1).

Tabela 1- Principais motivos declarados pelos pescadores isqueiros em participar do projeto “Pesca de Isca-viva no Médio Tietê”, em fevereiro de 2012

Motivos elencados (N=15)	%
Autorização/legalização da pesca de isca-viva	37,50
Para ajudar a resolver o problema do uso do peneirão/caixa armazenamento	31,25
Ajudar a regulamentar a pesca e ter mais informações	12,50
Tem interesse de preencher as fichas de produção p/ monitoramento pesca	12,50
Acha importante	6,25

Entre os diversos problemas elencados pelos isqueiros se destacam, em certos casos, a maneira autoritária de aproximação do policiamento ambiental no momento da fiscalização, e a falta de regulamentação como prejuízo à pesca artesanal de tuvira e, conseqüentemente à obtenção de produtos para a pesca amadora. Por outro lado, os pescadores isqueiros sempre mostraram interesse em participar das oficinas e entrevistas / reuniões do projeto para a compreensão de suas dificuldades e limitações.

Considerando ainda que apenas uma parcela dos isqueiros foi entrevistada, e que somente algumas questões foram debatidas pelo grupo, espera-se que, ao longo do estudo, possa-se identificar/readequar as práticas e usos dos recursos pela comunidade, visando propor de forma participativa, melhorias sustentáveis à atividade de pesca de isca-viva, com foco na tuvira.

3. CONCLUSÃO

Com base nos resultados preliminares obtidos em reuniões e oficinas ocorridas com pescadores isqueiros do médio Tietê, observa-se a necessidade fundamental de construção e realização de projeto participativo com os pescadores de isca-viva, aliando o conhecimento popular e o conhecimento científico, para tornar a sua atividade ecológica e socialmente sustentável. A pesquisa em questão, partindo de uma demanda da própria comunidade, vem considerando os levantamentos de dados primários e secundários, a experimentação de técnicas e instrumentos de captura de iscas, bem como as ações de caráter organizativo da categoria. A partir dos trabalhos de campo, pretende-se conhecer adequadamente o perfil socioeconômico dos pescadores isqueiros, observando as diferentes técnicas e estratégias de captura, além do estudo bioecológico, com a finalidade de minimizar o impacto da atividade sobre os ecossistemas aquáticos. A busca da sustentabilidade da atividade de captura de iscas vivas na região é entendida como uma melhoria nas condições socioeconômicas das comunidades, aliada à minimização dos impactos ambientais negativos decorrentes dessa prática.

4. AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à comunidade de pescadores da Fazenda São Giacomo (represa de Ibitinga), aos pescadores isqueiros de Pederneiras Srs. Ubirajara Alonso Junior e João Panunto, pelo apoio e interesse em participar do trabalho, ao Sr. Edivando Soares de Araújo (Presidente da Colônia de Pesca Z-20 de Barra Bonita) pelo apoio e indicação de pessoas-chave da comunidade de isqueiros, ao CNPq pela bolsa de iniciação científica PIBIC-CNPq concedida ao estagiário Anderson B. Gomez, e ao Instituto de Pesca/SAA-SP pelo apoio na realização deste projeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDUCCI JÚNIOR, A., CARDOSO, E. S.; VIEIRA, G. H. DA C.; MORETTI, S. L. Coleta de iscas vivas no Pantanal: bases para a sustentabilidade. *In: III Simpósio sobre os recursos naturais e sócio econômicos do Pantanal: desafios do novo milênio.*, Corumbá, MS. 20-30 de novembro 24p. 2000.

CATELLA, A. C.; SILVA, S. M. V. DA.; SOARES, D. DA C. S.; AMÂNCIO, C. O. da. Metodologia para o monitoramento da pesca de iscas vivas no Pantanal. Corumbá: Embrapa Pantanal. *Embrapa Pantanal. Circular Técnica*, 78. 4p. 2008.

MARUYAMA, L.S., CASTRO, P.M.G.; PAIVA, P. Pesca artesanal no Médio e Baixo Tietê, São Paulo, Brasil: aspectos estruturais e socioeconômicos. *Boletim do Instituto de Pesca*, São Paulo 35(1): 61 – 81. 2009.

SEIXAS, C. S.; KALIKOSKI, D. C. Gestão Participativa da pesca no Brasil: levantamento das iniciativas e documentação dos processos. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, nº 20:119-139 Editora UFPR. jul/dez. 2009.

WALTER, T. *Ecologia da pesca artesanal no lago Paranoá – Brasília – DF*. São Carlos. Dissertação de Mestrado. Escola de Engenharia de São Carlos, USP. 227p. 2000.

www.portalbrasil.net/salariominimo_2012.htm.<Acesso em 24/02/2012>.